

Avaliação de pais de alunos de cursos integrados sobre a necessidade de serem ajudados a gerir o uso das redes sociais dos filhos

Icaro Arcênio de Alencar Rodrigues ^[1], Hozana dos Santos Silva ^[2]

[1] kikoicaro@hotmail.com. IFPB – Campus Campina Grande. [2] santoshozana6@gmail.com. IFPB – Campus Campina Grande.

RESUMO

As redes sociais digitais são ambientes virtuais que facilitam o processo de comunicação a distância, porém são espaços que podem prejudicar a qualidade de vida do usuário. Desse modo, este artigo apresenta parte dos resultados da pesquisa “A família e a gestão do uso das redes sociais digitais de estudantes de cursos técnicos integrados do Instituto Federal da Paraíba – Campus Campina Grande”, aprovada pelo Programa Interconecta do IFPB. Essa pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa de campo, exploratória, qualitativa e quantitativa e de corte transversal, que tem como objetivo investigar se pais/responsáveis precisam de ajuda para gerir o uso das redes sociais dos seus filhos e como o IFPB – Campus Campina Grande poderia ajudar sobre o assunto. A partir dos resultados, identificou-se que a maioria dos pais avaliaram que não precisavam de ajuda para gerir o uso das redes sociais dos filhos, assim como se consideram capazes de buscar ajuda sobre o uso das redes sociais. Os resultados desta pesquisa sugerem que o IFPB – Campus Campina Grande deveria possibilitar formação aos pais/responsáveis sobre o gerenciamento das redes sociais, alertando sobre os perigos impostos e sugerindo meios de prevenção.

Palavras-chave: Gestão. Redes sociais digitais. Estudantes. Pais/responsáveis.

ABSTRACT

Digital social networks are virtual environments that facilitate the distance communication process, but they are spaces that can harm the user's quality of life. This way, this article presents part of the results of the research The family and the management of the use of digital social networks of students of integrated technical courses at the Federal Institute of Paraíba – Campus Campina Grande, approved by the IFPB Interconnect Program. The study is a field research, of exploratory, qualitative and quantitative and cross-sectional nature, which aims to investigate whether parents/guardians need help to manage the use of their child's social networks and how IFPB – Campus Campina Grande could help them with the subject. Results indicated that most parents thought that they did not need help to manage the use of their children's social networks. They also consider themselves capable of looking for help on the use of social networks. The results of this research suggest that IFPB – Campus Campina Grande should provide parents/guardians with training on the management of social networks, warning them about the dangers of social networks and making suggestions to avoid the risks of using them.

Keywords: Management. Digital Social Networks. Students. Parents/guardians.

1 Introdução

A “democratização” da internet contribuiu para a popularização das redes sociais, e estas se caracterizam como espaços informais de socialização. Além de aproximar pessoas e permitir o compartilhamento de informações de modo instantâneo, esse ambiente virtual pode ser palco de conflitos.

O próprio criador da internet, Tim Berners-Lee, alerta sobre algumas disfunções desse espaço virtual, como ações mal-intencionadas (*hacking* e assédio) assim como possíveis consequências não intencionais, oriundas de discussões ofensivas ou polarizadas (30 ANOS..., 2019).

Quando se observa o impacto de conflitos nas redes sociais sobre atores escolares (estudantes, pais e profissionais), é possível inferir que ocorram interferências no rendimento acadêmico e nas relações interpessoais presenciais, prejudicando o processo de aprendizagem. Além do mais, percebe-se que as redes sociais digitais muitas vezes são percebidas como mais atrativas que o ambiente escolar, competindo com o tempo dedicado ao estudo.

Um estudo nigeriano, realizado em Anambra, com 1.500 alunos de escolas do Ensino Médio, verificou a influência negativa da rede social *online* no rendimento escolar. Identificou-se que há prejuízo na atenção dos estudantes, provocando dependência dessas redes, além de distração, queda no hábito de estudo e uso pobre da língua inglesa (UNACHUCKWU; EMENIKE, 2016).

Surge, portanto, a necessidade de se discutir sobre gestão do comportamento no espaço escolar. Parrat-Dayan (2009) aborda esse tema, denominando-o de disciplina escolar, e afirma que ele deve estar inserido no projeto político pedagógico da escola, com objetivos que transcendam a normatização, mas que, sobretudo, possuam um propósito educacional, de forma que seja comunicado aos discentes o que se espera deles em relação ao desempenho escolar, para que dividam responsabilidades com a escola.

Não compete somente à instituição de ensino esse papel de gestão do comportamento de jovens, mas também à família. Nesse âmbito, Newman *et al.* (2008) apresentam uma pesquisa de revisão de literatura sobre a relação entre os modelos comportamentais de pais e as repercussões desses modelos sobre o desenvolvimento de comportamentos de risco à saúde em adolescentes. Os resultados mostraram que os filhos de pais que utilizavam disciplina com autoridade

apresentaram com mais consistência comportamentos seguros e menos comportamentos de risco, quando comparados a adolescentes oriundos de famílias que dedicavam menos controle sobre os filhos.

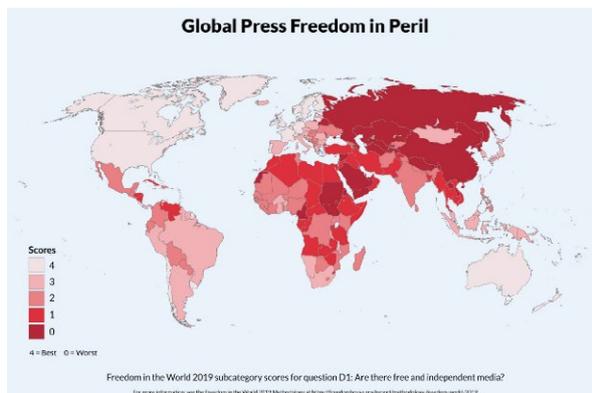
Observando que o uso de redes sociais digitais pode induzir o mau desempenho escolar e tendo ciência de que o comportamento do jovem estudante precisa ser gerido pela coletividade da instituição escolar e pela família, assim como de que se fazem necessárias ações que englobem a prevenção e a intervenção sobre o comportamento da comunidade escolar, busca-se investigar a percepção de pais/responsáveis de estudantes matriculados em cursos técnicos integrados ao ensino médio do IFPB (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba – Campus Campina Grande sobre a necessidade de ajuda para gerir o uso das redes sociais de seus filhos e como o referido *campus* poderia ajudar sobre o assunto¹.

2 Referencial teórico

Uma possível hipótese a ser levantada acerca da gestão do uso das redes sociais de adolescentes é a de que essa ação de gerência do uso das mídias digitais não seria eficaz, tendo em vista que os jovens percebem as redes sociais como positivas, ignorando os problemas associados a elas. Avaliando essa hipótese, Spizziri *et al.* (2012) realizaram uma pesquisa com 534 estudantes entre 12 e 17 anos, de escolas públicas e privadas, que buscou investigar as diferentes formas de uso da internet pelos adolescentes. Quando se observam os aspectos negativos destacados pelos participantes, a possibilidade de viciar (49,81%) é vista como a principal desvantagem do uso da internet, seguida da periculosidade do ambiente virtual (48,12%), da falta de contato com a pessoa com quem se comunica (43,04%) e das limitações para se expressar (38,34%).

Outro ponto a ser destacado sobre os riscos da internet/redes sociais digitais consiste na deterioração da liberdade de mídia ao redor do mundo, por intermédio de líderes populistas que buscam interferir nessa liberdade (REPUCCI, 2019). A Figura 1 avalia a liberdade das mídias independentes no mundo.

¹ Este artigo destaca parte dos resultados da pesquisa “A família e a gestão do uso das redes sociais digitais de estudantes de cursos técnicos integrados do Instituto Federal da Paraíba – Campus Campina Grande”, fomentada pelo Programa Interconecta, Edital 01/2019 da PRPIG do IFPB.

Figura 1 – Liberdade global de imprensa em perigo

Fonte: Repucci (2019)

Então, frente aos desafios destacados, como o uso das redes sociais pode interferir na rotina específica de um estudante? Nessa circunstância, a pesquisa de Carrano (2017) com discentes e docentes de uma escola pública de Ensino Médio no município do Rio de Janeiro constatou que os alunos, quando entram na internet, acessam primeiramente as redes sociais (55,4%), geralmente com uma frequência de mais de 11 horas semanais de uso dessas redes; reservam apenas um pequeno espaço de tempo (4,1%) para realizar pesquisas escolares; em sua maioria, navegam para tratar de questões pessoais (78%); além do mais, consideram que o uso desses ambientes pela instituição escolar poderia melhorar o desempenho dos estudantes (55%), ponderando que esses espaços são subutilizados pela escola.

Frente a essa demanda atual dos estudantes, que transborda os espaços escolares e familiares, muitas vezes as ações dos pais e das instituições de ensino não são eficientes. A pesquisa de Lima (2015) revelou que pais e professores comumente reclamam por não ter controle sobre os alunos, já que estes estão constantemente conectados aos aparelhos e às mídias sociais. Devido a essa realidade, a escola normalmente busca o controle dessa situação, proibindo o uso de aparelhos celulares no espaço escolar. Todavia, essa ação frequentemente não obtém sucesso, pois os alunos continuam a usá-los, não conseguindo se desapegar do que lhes é prazeroso (LIMA, 2015).

Então, seria possível que a família contribuísse no processo de gestão do uso das redes sociais dos estudantes adolescentes? A pesquisa longitudinal de Lippold *et al.* (2018) com 636 pais (famílias biparentais) residentes nas zonas rurais em Iowa e Pensilvânia (EUA) verificou que um maior senso de controle sobre a vida pode fomentar nesses pais a motivação

para responder com consistência os comportamentos dos seus filhos e estabelecer e aplicar expectativas claras. Ao mesmo tempo, a família também pode envolver seus filhos na definição e decisão das regras, propiciando o desenvolvimento do raciocínio indutivo, incentivando a autonomia dos jovens. Por conseguinte, reflete-se que a família pode contribuir na gestão do uso das redes sociais dos seus filhos.

A perspectiva adotada nesta pesquisa, no que tange ao processo de gestão do comportamento, tem como objetivo focar a contribuição da escola e da família em ações que favoreçam o melhor desempenho do estudante no contexto do processo de ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, na saúde mental dos jovens estudantes. Não equivale à repressão autoritária, desprovida de diálogo.

Contribuindo com o sentido exposto, Lück (2009) ampara a gestão da disciplina escolar ao explicar que essa missão está associada ao melhor desempenho na aprendizagem e na formação cidadã do discente. Assinala também que a disciplina não equivale ao ensino de um comportamento dócil, silencioso, e à ordem, pois nem sempre comportamentos desse tipo são sinônimos de desenvolvimento do estudante, mas associa a disciplina ao estímulo à capacidade de apreensão e resolução de problemas que envolvem determinados objetivos.

3 Método da pesquisa

Devido ao fato de o tema a ser investigado pela pesquisa englobar como os pais/responsáveis de estudantes matriculados em cursos técnicos integrados ao ensino médio do Campus Campina Grande do IFPB gerenciam o uso das redes sociais dos seus filhos/dependentes, um tema com poucos estudos, a presente pesquisa pode ser definida como exploratória. Um estudo exploratório tem como objetivo examinar um tema ou problema de pesquisa pouco estudado ou sobre o qual se tenham muitas dúvidas, e também é adotado quando se pretende pesquisar sobre áreas e temas em outras perspectivas (SAMPIERI; COLLADO; LUCIO, 2013).

Quanto à abordagem do problema, a presente pesquisa pode ser definida como qualitativa e quantitativa. Richardson *et al.* (2012) descrevem o método quantitativo como aquele caracterizado pela coleta de informações e pelo tratamento destas por intermédio de técnicas estatísticas, cujas metas são garantir a precisão dos resultados, evitar distorções na análise e interpretação dos dados e possibilitar

uma margem de segurança sobre as inferências. Já o método qualitativo procura entender a natureza de um fenômeno social (RICHARDSON *et al.*, 2012).

No tocante ao calendário de pesquisa, ela se caracteriza como transversal, devido ao fato de a investigação estar inserida em um período delimitado dentro do ano de 2019 (entre os meses de maio e junho). Como afirma Gray (2012), no estudo transversal, os dados são coletados em um momento, como uma espécie de fotografia.

Quanto aos procedimentos, definiu-se metodologicamente como uma pesquisa de campo. Nesse tipo de pesquisa, o objeto é abordado nas condições naturais em que os fenômenos ocorrem (SEVERINO, 2007). O estudo teve como campo de pesquisa o Campus Campina Grande do IFPB. Já a população de estudo foi composta por pais/responsáveis de estudantes de cursos técnicos integrados ao ensino médio do referido *campus* no ano letivo de 2019; destes, obteve-se uma amostragem de 47 representantes.

O instrumento de coleta de dados foi um questionário com perguntas abertas e fechadas, aplicado presencialmente durante os Plantões Pedagógicos e também durante os atendimentos aos pais no setor da Coordenação de Assistência ao Estudante do IFPB – Campus Campina Grande. Richardson *et al.* (2012) esclarecem que esse instrumento possibilita a descrição de características e a medição de determinadas variáveis de um grupo social. No caso do uso de perguntas abertas, estas permitem que o entrevistado as responda com mais liberdade.

Neste estudo foram levados em consideração os aspectos éticos da pesquisa envolvendo seres humanos, preconizados pelas Resoluções nºs 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, garantindo os direitos e deveres dos participantes (BRASIL, 2013, 2016). Logo, a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética do IFPB (CAAE 08747019.0.0000.5185), no dia 16 de abril de 2019.

O cômputo dos dados desenvolveu-se pela soma e processamento estatístico. A Análise de Conteúdo foi utilizada como método de análise dos dados. Ela é caracterizada por um conjunto de técnicas de análise de comunicações que usa procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens – os indicadores, que podem ser quantitativos ou qualitativos – e permite deduzir conhecimentos a respeito das condições de produção ou de recepção

dessas mensagens, possibilitando a identificação de categorias de análise compostas por elementos do conteúdo dos questionários organizados por semelhança (BARDIN, 2016).

4 Resultados da pesquisa

Um dos objetivos do questionário aplicado foi identificar a existência ou não da necessidade dos pais de ajuda para gerir o uso das redes sociais de seus filhos e, em caso positivo, compreender de que forma o IFPB – Campus Campina Grande poderia ajudá-los.

A grande maioria dos participantes (68,09%) afirmou que não precisava de ajuda do IFPB para a gestão das redes sociais dos filhos. Do mesmo modo, a maior parte dessa categoria (53,12%) não justificou os motivos para essa afirmação (Tabela 1).

Tabela 1 – Justificativas para não precisar de ajuda da instituição para gerenciar o uso das redes sociais dos filhos

CATEGORIAS	Nº	%
Não acrescentou explicações à resposta	17	53,12
Avalia-se como capaz de gerenciar/ buscar ajuda sobre o uso de redes sociais do(a) filho(a)	9	28,12
Apresentou o IFPB como fonte de apoio caso necessário	4	12,50
O(a) filho(a) sabe se autogerenciar sobre o uso de redes sociais	1	3,13
O IFPB não tem como ajudar devido ao grande número de estudantes e à infraestrutura	1	3,13
TOTAL	32	100

Fonte: Dados da pesquisa

Uma parte dos pais/responsáveis justificou que se acreditavam capazes de gerenciar ou de buscar ajuda sobre o uso das redes sociais dos filhos (28,12%), como explicam P8 – “Não, já tenho tudo que preciso, principalmente a confiança e o respeito delas” – e P25 – “Tenho ajuda de pessoas que dominam a tecnologia”. Portanto, percebe-se que o uso de tecnologias midiáticas não se apresenta como tabu para os familiares investigados.

Mesmo não apresentando necessidade de apoio no momento atual, parte dos familiares afirmou que o IFPB seria uma opção de ajuda caso necessitassem de apoio na gestão das redes sociais dos filhos (12,50%),

como ressalta P28: “Creio que no caso de minha filha está tudo bem, claro, que de um ponto de vista maior, o IFPB, poderia esclarecer mais sobre os riscos das redes sociais como por exemplo doenças que são causadas por uso inadequado”. Assim, o IFPB também é reconhecido como ferramenta de apoio aos pais.

Uma parcela menor informou que os filhos sabem se autogerenciar sobre o uso de redes sociais (3,13%); dessa forma, não seria necessária a ajuda da instituição escolar. Contudo, seria também possível que esses filhos contribuíssem para o uso responsável dessas redes sociais na comunidade escolar? Qual o papel deles nos grupos midiáticos dos quais participam que envolvem atores/assuntos escolares? Apresenta-se, então, uma possibilidade de pesquisa: investigar a atuação dos alunos em grupos de redes sociais destinados a tratar de questões escolares.

Ainda outra pequena parcela dos pais/responsáveis (3,13%) respondeu que o IFPB não tem como ajudar devido ao grande número de estudantes e à infraestrutura. Entretanto, quando se trata de espaços virtuais, a extensão territorial de um *campus* não representa um limite intransponível.

Rosenberg, Ophir e Asterham (2018) investigaram como a comunicação professor-aluno, através de tecnologias de redes sociais, pode favorecer a resiliência estudantil durante uma guerra (no caso do estudo mencionado, foi observada a guerra entre Israel e Gaza, em agosto de 2014). Essa pesquisa apresentou um exemplo de abrangência do impacto das ações de professores que transcendem o espaço físico da instituição escolar, destacando também uma finalidade positiva desses ambientes virtuais. A pesquisa também identificou que os discentes (N = 68), por meio desse acompanhamento, sentiam-se cuidados, tranquilizados, pertencentes a um grupo e distraídos, além de poderem compartilhar emoções, quando recebiam mensagens de WhatsApp dos seus professores. O simples fato de estarem em contato contínuo *on-line* possibilitou uma percepção de maior resiliência por parte dos adolescentes pesquisados (ROSENBERG; OPHIR; ASTERHAM, 2018).

Nesse contexto, destaca-se a fala de uma participante com 14 anos de idade, a qual relatou que, “embora as escolas estivessem fechadas, senti que ela (a professora) se importava comigo em um nível pessoal e não apenas como professor” (ROSENBERG; OPHIR; ASTERHAM, 2018, p. 37-38, tradução nossa). Outra participante, com 17 anos, relatou que “uma das professoras reconheceu o estresse em nosso grupo,

então ela compartilhou o seu próprio sentimento. Isso levou a uma conversa emocional em que sentimos que estamos todos no mesmo barco” (ROSENBERG; OPHIR; ASTERHAM, 2018, p. 38, tradução nossa).

Então, a instituição de ensino, por meio dos seus servidores/funcionários, pode contribuir, por intermédio das redes sociais digitais, para o desenvolvimento educacional e humano dos discentes pelos quais é responsável, consequentemente influenciando na saúde mental desses jovens. Portanto, o uso das mídias digitais como forma de apoio em situações de conflito pode ser exemplo de contribuição para a gestão das redes sociais dos jovens estudantes.

Nesse sentido, a Tabela 2 apresenta as justificativas pelas quais alguns pais afirmam que necessitam de ajuda para gerir o uso das redes sociais de seus filhos.

Tabela 2 – Justificativas dos pais que afirmaram precisar de ajuda sobre a gestão do uso das redes sociais dos filhos

CATEGORIAS	Nº	%
Sugeriu metodologia a ser aplicada pelo IFPB	7	46,67
O gerenciamento do uso das redes sociais melhoraria	4	26,67
Não acrescentou explicações à resposta	2	13,34
O uso de celulares e redes sociais poderia ser aperfeiçoado	1	6,66
Não soube explicar como o IFPB poderia contribuir	1	6,66
TOTAL	15	100

Fonte: Dados da pesquisa

Alguns pais apresentaram sugestões de metodologias a serem aplicadas pelo IFPB (46,67%) para contribuir na gestão do uso das redes sociais dos filhos. Assim responderam P22, que sugeriu que poderiam ocorrer ações formativas por intermédio de palestras, orientações e reuniões com os pais, e P46, que acrescentou que professores poderiam orientar os alunos no ambiente da sala de aula. Essas sugestões se referem a ações indiretas da instituição no sentido de informar e debater, não sendo citadas ações diretas como o monitoramento do uso das redes sociais e penalizações pelo uso inadequado.

A segunda maior parcela dos pais explicou que a ajuda da instituição contribuiria para melhorar o processo de gestão do uso das redes sociais exercido por eles (26,67%), como destaca P18, que afirmou que

“é bom que o *campus* faça palestras para nos ajudar a orientação de perigos que existem nas redes”. Como exemplo de perigo das redes sociais, apresenta-se o uso de dados por instituições de propaganda, no Facebook, sem que haja autorização dos usuários, como ocorreu nas eleições de 2016 nos Estados Unidos, por intermédio da empresa Cambridge Analytica (PRIVACIDADE..., 2019). Diante disso, a orientação sobre o cuidado com o uso de aplicativos, já que estes podem servir de plataforma para que os dados dos usuários sejam subtraídos, pode ser uma ação da instituição escolar.

Figura 2 – Uso de dados dos usuários do Facebook, sem consentimento, pela Cambridge Analytica



Fonte: PRIVACIDADE..., 2019

Ainda na mesma perspectiva, ao se observar a teoria das múltiplas inteligências de Howard Gardner, uma instituição escolar pode contribuir para o desenvolvimento das inteligências inter e intrapessoais dos estudantes; pode, portanto, estimular a cooperação, a comunicação e a autonomia dos discentes, o que lhes possibilitaria explorar possibilidades, levantar hipóteses, justificar seu raciocínio e validar suas próprias conclusões, de modo que os erros façam parte do processo de aprendizagem. Assim, a escola precisaria contribuir para desenvolver nos estudantes as seguintes habilidades:

- Interpessoal: relacionar-se e comunicar-se bem; emitir e influenciar opiniões; valorizar o trabalho em grupo e a cooperação; perceber as intenções dos outros; formar e manter relações sociais e se adaptar facilmente a novos ambientes; perceber diversas perspectivas sociais e políticas e apresentar habilidade para mediar e organizar um grupo

em relação a um trabalho ou causa em comum.

- Intrapessoal: estar consciente dos próprios sentimentos; estar motivado e possuir metas próprias; perceber e estabelecer um sistema de valores; trabalhar com independência e desenvolver a “intuição”; desejar ser diferente da maioria e ter consciência dos seus limites e possibilidades (SMOLE, 1999).

Dessa forma, por intermédio da estimulação dessas inteligências, acredita-se que a instituição escolar promoveria a aptidão de estudantes para usarem as redes sociais com responsabilidade.

Mesmo sendo, em bom número, usuários de celular e de redes sociais, nem todos os pais sabiam como manuseá-los bem, tendo em vista que um dos pais (6,66%) afirmou que o IFPB poderia ajudá-lo a aperfeiçoar o uso do aparelho celular e das redes sociais – assim respondeu P34, que afirmou não saber desbloquear o celular, nem compartilhar as conversas. Outro familiar respondeu que a instituição de ensino na qual o(a) filho(a) se encontra poderia colaborar no processo de gestão do uso das redes sociais, entretanto não sabia afirmar como ocorreria essa contribuição (6,66%). Por fim, uma parcela de 13,34% não apresentou justificativas para tal necessidade de auxílio.

5 Considerações finais

Percebe-se que as redes sociais estão se tornando elementos essenciais na vida dos jovens, configurando-se positivamente ou negativamente para o processo educacional. Com isso, pais/responsáveis devem estar presentes, acompanhando e direcionando seus filhos no uso dos ambientes virtuais.

Os resultados da pesquisa mostram que a maioria dos pais/responsáveis afirmaram ter domínio sobre a gestão do uso das redes sociais dos filhos sem necessidade de ajuda do IFPB – Campus Campina Grande, além de se definirem como capazes de buscar ajuda.

Dessa forma, mesmo diante dos resultados obtidos, sugere-se, de forma preventiva, que o IFPB – Campus Campina Grande possibilite formação aos pais/responsáveis sobre a usabilidade e riscos impostos no uso das redes sociais.

REFERÊNCIAS

- 30 ANOS de World Wide Web: as três grandes ameaças ao futuro da internet, segundo criador da rede. **BBC News Brasil**, 12 mar. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-47536362>. Acesso em: 24 jun. 2019.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 1. ed., 3. reimp. Lisboa: Edições 70, 2016.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 150, n. 112, p. 59-62, 13 jun. 2013.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 153, n. 98, p. 44-46, 24 maio 2016.
- CARRANO, Paulo Cezar Rodrigues. Redes sociais de internet numa escola de ensino médio: entre aprendizagens mútuas e conhecimentos escolares. **Perspectiva**, v. 35, n. 2, p. 395-421, 2017. DOI: 10.5007/2175-795X.2017v35n2p395. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2017v35n2p395>. Acesso em: 19 jan. 2018.
- GRAY, David E. **Pesquisa no Mundo Real**. Porto Alegre: Penso, 2012.
- LIMA, Nádia Laguárdia de. *et al.* Psicanálise, educação e redes sociais virtuais: escutando os adolescentes na escola. **Estilos da Clínica**, v. 20, n. 3, p. 421-440, 2015. DOI: 10.11606/issn.1981-1624.v20i3p421-440. Disponível em: www.periodicos.usp.br/estic/article/download/117763/115409. Acesso em: 18 jan. 2018.
- LIPPOLD, Melissa A. *et al.* Parental Perceived Control and Social Support: Linkages to Change in Parenting Behaviors During Early Adolescence. **Family Process**, v. 57, n. 2, p. 432-447, 2018. DOI: 10.1111/famp.12283. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/famp.12283>. Acesso em: 27 maio 2019.
- LÜCK, Heloísa. **Dimensões de gestão escolar e suas competências**. Curitiba: Positivo, 2009.
- NEWMAN, Kathy *et al.* Relações entre modelos de pais e comportamentos de risco na saúde do adolescente: uma revisão integrativa da literatura. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, v. 16, n. 1, p. 142-150, 2008. DOI: 10.1590/S0104-11692008000100022. Disponível em: https://www.scielo.br/pdf/rlae/v16n1/pt_21.pdf. Acesso em: 17 set. 2015.
- PARRAT-DAYAN, Silvia. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. São Paulo: Contexto, 2009.
- PRIVACIDADE Hackeada. Direção: Jehane Noujaim; Karim Amer. Produção: Geralyn Dreyfous, Judy Korin, Karim Amer, Pedro Kos. Los Gatos, CA, EUA: Netflix, 2019. *online* (113 min), son., color.
- REPUCCI, Sarah. Media Freedom: a downward spiral. **Freedom House**, 2019. Disponível em: <https://freedomhouse.org/report/freedom-media/freedom-media-2019>. Acesso em: 25 nov. 2019.
- RICHARDSON, Roberto Jarry *et al.* **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3. ed., 14. reimp. São Paulo: Atlas, 2012.
- ROSENBERG, Hananel; OPHIR, Yaakov; ASTERHAN, Christa S. C. A virtual safe zone: Teachers supporting teenage student resilience through social media in times of war. **Teaching and Teacher Education**, v. 73, p. 35-42, 2018. DOI: 10.1016/j.tate.2018.03.011. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0742051X17312453>. Acesso em: 29 ago. 2019.
- SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, María del Pilar Baptista. **Metodologia de Pesquisa**. Tradução Daisy Vaz de Moraes. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.
- SMOLE, Kátia Cristina Stocco. **Múltiplas Inteligências na Prática Escolar**. Brasília, DF: Ministério da Educação, 1999. 80 p.
- SPIZZIRI, Rosane Cristina Pereira *et al.* Adolescência conectada: Mapeando o uso da internet em jovens internautas. **Psicologia Argumento**, v. 30, n. 69, p. 327-335, 2012. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/23288>. Acesso em: 14 mar. 2019.
- UNACHUCKWU, Glad. O.; EMENIKE, Chioma B. Online Social Network Usage and Influence on Academic Achievement of Secondary School Students in Anambra State, Nigeria: Implications for School Administrators. **International Educational Scientific Research Journal**, v. 2, n. 8, p. 10-12, 2016. Disponível em: https://www.iesrj.com/archive-sub?detail=ONLINE_SOCIAL_NETWORK_USA. Acesso em: 15 fev. 2018.